

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE FILOSOFIA
FILOSOFIA – BACHARELADO

MARIA BETÂNIA E SILVA

A memória na ontologia e criação artística do universo em Evaldo Coutinho



Figura 1: Existenciamento, 2024. Técnica: Fotografia.
Fonte: produção e acervo da autora.

Recife, 2025

MARIA BETÂNIA E SILVA

***A memória na ontologia e criação artística do universo
em Evaldo Coutinho***

Monografia de Conclusão de Curso
apresentada ao curso de Filosofia da
Universidade Federal de Pernambuco
como requisito parcial para obtenção
do título de Bacharela em Filosofia.

Orientador: Prof. Dr. Thiago André Moura de Aquino

Recife, 2025

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,
através do programa de geração automática do SIB/UFPE

Silva, Maria Betânia e .

A memória na ontologia e criação artística do universo em Evaldo Coutinho /
Maria Betânia e Silva. - Recife, 2025.

58p : il.

Orientador(a): Thiago André Moura de Aquino

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade Federal de
Pernambuco, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Filosofia -
Bacharelado, 2025.

Inclui referências.

1. Memória. 2. Ontologia. 3. Evaldo Coutinho. 4. O lugar de todos os
lugares. 5. A artisticidade do ser. 6. Filosofia brasileira. I. Aquino, Thiago
André Moura de. (Orientação). II. Título.

100 CDD (22.ed.)

MARIA BETÂNIA E SILVA

***A memória na ontologia e criação artística do universo
em Evaldo Coutinho***

Monografia de Conclusão de Curso
apresentada ao curso de Filosofia da
Universidade Federal de Pernambuco
como requisito parcial para obtenção
do título de Bacharela em Filosofia.

Aprovado em: 26 /03 /2025

Banca Examinadora

Prof.Dr. Thiago André Moura de Aquino (Orientador)

Universidade Federal de Pernambuco

Prof.Dr. Sandro Márcio Moura de Sena

Universidade Federal de Pernambuco

A Lino Ferreira e Silva (*in memoriam*) e Hilda Lemos e Silva

Agradecimentos

À VIDA!

Ao meu orientador, Thiago Aquino, pelo acompanhamento e observações atentas nesse trabalho.

Ao professor Sandro Sena pelo aceite para estar na Comissão Examinadora e suas colaborações.

A todos os professores do curso de Filosofia da Universidade Federal de Pernambuco pela excelência de seus trabalhos docentes.

À Marta Chiara, Nilson, Melquisedec, Roberty pela generosidade na leitura do texto.

A todas/os as/os colegas pelos diálogos estabelecidos ao longo do trajeto de formação.

À UFPE por todas as oportunidades de acesso ao conhecimento.

À minha família.

À humanidade.

RESUMO

A pesquisa objetiva compreender o lugar que a memória ocupa na ontologia de Evaldo Coutinho e como estrutura a experiência artística, cênica, representativa do universo criado pelo eu existenciador. Apresenta obras artísticas produzidas a partir de ideias que estabelecem relação com a memória e mostra a importância dela para a unidade da existência e autocompreensão na trajetória de vida. Portanto, como constituinte da existencialidade, ocupa um lugar primordial na confecção da experiência artística através das significações dadas pelo eu existenciador. Sua vinculação direta com a subjetividade aponta que, ontologicamente, sua ausência parece tornar impossível a humanidade no humano, visto que, a memória explicita a necessidade do exercício subjetivo, único, exclusivo de cada ato criador, pois preserva, edita, e supre lacunas na confecção artística.

Palavras-chave: Memória. Ontologia. Evaldo Coutinho. O lugar de todos os lugares. A artisticidade do ser. Filosofia brasileira.

RESUMEN

La investigación tiene como objetivo comprender el lugar que ocupa la memoria en la ontología de Evaldo Coutinho y cómo estructura la experiencia artística, escénica, representativa del universo creado por el yo existente. Presenta obras artísticas que fueron producidas a partir de conceptos del autor que establecen una relación con la memoria y muestra su importancia para la unidad de la existencia y la autocomprensión en la trayectoria de la vida. Por tanto, como constituyente de la existencialidad, ocupa un lugar primordial en la creación de la experiencia artística a través de los significados otorgados por el yo existencial. Su vínculo directo con la subjetividad señala que, ontológicamente, su ausencia parece hacer imposible la humanidad en los humanos, ya que la memoria explica la necesidad de un ejercicio subjetivo, único, exclusivo de cada acto creativo, ya que preserva, edita y llena vacíos en la creación artística.

Palabras clave: Memoria. Ontología. Evaldo Coutinho. El lugar de todos los lugares. La artísticidad del ser. Filosofía brasileña.

ABSTRACT

The research aims to understand the place that memory occupies in Evaldo Coutinho's ontology and how it structures the artistic, scenic, experience representative of the universe created by the existing self. It presents artistic works that were produced based on the author's concepts that establish a relationship with memory and shows its importance for the unity of existence and self-understanding in the trajectory of life. Therefore, as a constituent of existentiality, it occupies a primary place in the creation of artistic experience through the meanings given by the existential self. Its direct link with subjectivity indicates that, ontologically its absence seems to make humanity impossible in humans, since memory explains the need for a subjective, unique exercise, exclusive of each creative act, since it preserves, edits, and fills gaps in artistic creation.

Keywords: Memory. Ontology. Evaldo Coutinho. The place of all places. The artisticity of being. Brazilian Philosophy.

SUMÁRIO

1. Notas Introdutórias.....	10
2. O lugar da memória na ontologia de Evaldo Coutinho.....	15
3. A memória na estruturação artística do universo coutiniano.....	35
4. Considerações em Aberto.....	52
6. Referências.....	56

1. Notas Introdutórias

O foco dessa pesquisa está na temática da memória, diretamente, sobre a presença dela no pensamento de Evaldo Coutinho (1911-2007). Buscamos extrair de sua ontologia, possíveis concepções do conceito, particularmente, por não haver uma teoria da memória desenvolvida em sua obra. Para isso, escolhemos seus dois ensaios ontológicos. O primeiro, *O lugar de todos os lugares* (1976), tem o papel iniciático¹ ao seu sistema filosófico: *A Ordem Fisionômica*². Em sendo introdutório, os principais conceitos ou pelo menos uma síntese de seu sistema se apresenta nele. O segundo, é *A artisticidade do ser* (1987), o último livro que ele publica em vida e que pode apresentar uma revisão que arremata as ideias presentes em toda sua obra.

A importância desse estudo se soma ao fato de não existir³, até o momento em que esta pesquisa se estrutura, publicações que se voltem às duas obras e à

¹ Assim afirma o filósofo no Documentário: *Filósofo da arte e da existência*, produzido por Linhares (1993).

² Composta por cinco volumes: *A Visão Existenciadora*; *O Convívio Alegórico*; *Ser e Estar em Nós*; *A Subordinação ao nosso Existir*; *A Testemunha Participante*.

³ Fizemos um levantamento de estudos sobre o tema nas plataformas digitais (Periódicos Capes; ANPOF; Revista Perspectiva Filosófica; Pergamun UFPE; Repositório Digital da UFPE – ATTENA, Google Acadêmico e Lattes). Dos trabalhos encontrados, nenhum deles se relaciona à memória no pensamento coutiniano. O artigo de Santos (2014) está centrado no caráter temporâneo do espaço arquitetônico. A Dissertação de Souza (2014) foca seu olhar na discussão sobre o solipsismo em Evaldo Coutinho. O trabalho de Medeiros (2007) discute os entendimentos sobre a cidade a partir de memórias de seus habitantes. O de Araújo (2008) tem sua análise no cinema e na chegada do som. O artigo de Souza (2018) trata da espacialidade, arquitetura, ontologia, estética. O de Rocha; Souza (2021) aborda as perspectivas espaciais da arquitetura e nos conceitos de duração e vazio. Três trabalhos monográficos de Silva (2019), Costa (2021) e Matos (2022), ambos realizados na UFPE não estão disponíveis nem física, nem digitalmente no âmbito da universidade. Encontramos a publicação de seis trabalhos do autor Souza sobre o filósofo e apenas um (Souza, 2017) apresenta os dados para o acesso ao texto. Os outros têm em seus títulos os conceitos de criação, intuição, causação de ideias, espaço e teoria do cinema, mas, não apresentam as informações sobre onde foram publicados. Logo, não pudemos ter acesso aos textos na íntegra. Por fim, o artigo de Silva (2024) discute o paradoxo do ser e não-ser no ato demiúrgico existenciador e o texto de Aquino (2024) examina a cosmogonia proposta em Evaldo Coutinho, mas, também eles, não têm seu foco na memória.

presença da memória no pensamento coutiniano pois, na sua ontologia, ele se refere a ela, praticamente, em todos os tópicos do texto. Além disso, enfatizamos a necessidade da ampliação de estudos de filósofos/as brasileiros/as e, particularmente, pernambucanos para compreender como esse pensamento vem sendo tecido e, sobretudo, pela importância cultural na produção e difusão do conhecimento filosófico nacional.

Evaldo Coutinho atravessou todo o século XX e pode ser considerado uma figura chave da intelectualidade pernambucana. Deixou uma produção filosófica que reúne nove livros, além de vários outros títulos que, inicialmente, foram mapeados por José Paulo Maldonado de Souza (2014). Sua formação inicial em Ciências Jurídicas e Sociais, na Faculdade de Direito da UFPE, em 1933, o despertou para a Filosofia, a quem dedicou seu exercício de pensamento, ao longo da existência. Assim, Menezes cita Lima dizendo que:

O que interessa na obra de Evaldo Coutinho é a estrutura e forma do mundo, a natureza e a disposição dos elementos que constituem, os modos de ser e funcionar de sua ordem, a discussão de seus valores, a revelação de sua natureza, o desesperado anseio de salvar-se de um perdimento sem resgate possível. A obra de Evaldo inventaria a estrutura do existir (Menezes, 1987, p.9).

Souza (2014), em seu trabalho dissertativo, *O solipsismo de Evaldo Coutinho*, apresenta três aspectos irredutíveis na obra do filósofo: o solipsismo, a artisticidade e a funeralidade. Solipsismo⁴ porque só existe um único eu pessoal que cria em si o universo; artisticidade, porque a experiência do universo criado pelo eu tem caráter cênico e representativo; funeralidade, porque com a morte do eu, o universo criado pelo próprio eu, morre junto com ele. A ligação entre esses três aspectos traz consigo a ideia de que a relação entre sujeito e objeto do

⁴ No estudo sobre *A Ordem Fisionômica*, Bianca Matos (2022, p.3) diz o seguinte: “o solipsismo aparece geralmente na história da filosofia como uma ofensa ao filósofo, acusando-o de um pensamento egoísta, incapaz de olhar sobre a perspectiva do outro. Coutinho assume o termo, mas agrega um outro significado: o solipsismo inclusivo e identifica no outro também a particularidade de um mundo particular”.

conhecimento é denominada “existenciadora”. Acontece que a interpretação da relação existenciador-existenciamento implica em aceitar um modelo de criação como acontecimento exclusivo do conhecer e não do existir. “O existenciador cria as coisas enquanto estas se tornam para ele objetos de conhecimento, isto é, criar é conformar as coisas às ideias na mente e não conceder existência real à coisa” (Souza, 2014, p.29).

Evaldo explicita n’*A Artisticidade do ser* que “o ato de conhecer é o mesmo de gerar a existência” (Coutinho, 1987, p.231). Conhecer é sinônimo de criar. Em outros termos, cada vez que conheço, gero a existência do conhecido em mim, crio em mim o conhecimento. Essa geração que se dá, ao longo da vida, em sua continuidade, alimenta o repertório, preenche o estojo, amplia o visto do miradouro⁵ e, por fim, alcança o ponto intestemunhável⁶ no perdimento de todas as coisas.

Existenciar é tornar meu de forma significada e quem pode fazer isso é o ser. Só existe o existenciamento por meio das experiências; nelas a significação é dada pela nominação, e a nominação é a leitura estética do mundo, porque o nosso cotidiano é teatral, no pensamento coutiniano. O filósofo recifense explicita que o mundo cênico de seu próprio repertório se extinguirá com a extinção de seu ser. Sendo o repertório introspectivo, ele é sinônimo do universo existente, mas se condiciona ao prazo da própria vida.

O estudo de Thiago Aquino (2024, p.2224) destaca que “em cada eu, se forma um cosmo à escala humana, ou seja, conforme as restrições da finitude”. Buscando examinar a cosmogonia proposta em Coutinho, o autor diz: “o mundo que nasce no eu é um microcosmo, um mundo pequeno reunido na continência da consciência singular”.

⁵ Miradouro ou belvedere é um local elevado onde se tem uma visão ampla do entorno e Coutinho usa os termos para significar que o eu ocupa sempre esse lugar e é dele que cria e significa o mundo e o universo em si mesmo. Ele compara a câmera fotográfica nas extensões do olhar humano.

⁶ *O ponto intestemunhável* é o título dado por Coutinho ao sexto capítulo do ensaio ontológico, O lugar de todos os lugares. Significa a morte que recebe também a indicação de féretro ou pós-véspera. Diz Coutinho (1976, p.76): “a minha vida é a contemplação do mundo como liturgia indicadora de minha morte”. E ainda: “A pós-véspera é o ponto intestemunhável: a ninguém alieno a prerrogativa de fisionomicamente sobreviver a mim. Ninguém virá em mim a comparecer ao velório (...)” (p.77).

Diante de seu solipsismo existencial, criador do universo em si, qual é o lugar que a memória ocupa nesse eu? Se o repertório do eu é sempre único, qual o papel da memória na subjetividade? Se a experiência do universo criado pelo eu é artística, cênica, representativa, que função a memória desempenha para que isso se dê? Assim, identificar como a memória se apresenta em sua ontologia pode colaborar para ampliação dos estudos sobre o tema.

A contribuição da investigação contribui para a difusão da filosofia pernambucana, visto ter sido, o filósofo recifense, professor da UFPE durante 33 anos, de 1938 a 1971, e ainda ser pouco estudado. Apesar de ainda não haver investigações sobre a memória em Evaldo Coutinho, essa temática é muito cara à Filosofia e vem sendo explorada desde, pelo menos, a idade antiga, média e moderna. Por exemplo, Platão, Agostinho, Bergson, Halbwachs são apenas alguns dos nomes que debateram sobre o tema.

Portanto, entender qual o lugar que a memória ocupa na ontologia de Evaldo Coutinho se apresenta como questão central e objetivamos extrair concepções do conceito em seus ensaios ontológicos; compreender como a memória estrutura a experiência artística, cênica, representativa do universo criado pelo eu existenciador e produzir obras artísticas a partir de ideias abordadas pelo filósofo que estabelecem conexão com a memória.

A análise e interpretação, inicialmente, partiu da leitura das 514 páginas, que reúnem os dois livros. Portanto, trata-se de um estudo exploratório que “visa a formulação de problemas ou hipóteses novas, podendo criar, clarificar ou criticar conceitos. Volta-se para a pesquisa de algum problema pouco estudado”, segundo Barbosa; Costa (2015, p.32).

Na seção dois, do texto, apresentamos as múltiplas referências à memória, as relações com a subjetividade na ontologia coutiniana e as conclusões a que chega com as falhas, deformações e desmemórias. A memória compõe a unidade da existência e tem importância fundamental para o processo de autocompreensão, como pessoa, na trajetória da vida. Na seção três, o foco se direciona ao lugar primordial que a memória ocupa na estruturação da experiência

artística, representativa do universo que se dá através do exercício subjetivo, único, exclusivo das significações dadas pelo eu existenciador. Por fim, trazemos as conclusões parciais desse trabalho que indicam a centralidade da memória no pensamento coutiniano.

2. O lugar da memória na ontologia de Evaldo Coutinho

Imagem 2: *O lugar de todos os lugares*, 2024. Técnica: desenho com grafite e pastel.



Fonte: produção e acervo da autora (2024).

“Habito o mundo quando me esqueço que existo”. (Couto, 2021, p.42)

O “eu” e a “morte” aparecem como personagens principais na obra de Evaldo Coutinho. É a partir das cenas do cotidiano, narradas e vivenciadas por ele, que o autor chega ao entendimento de que só um único “eu” pode ocupar o lugar de todos os lugares⁷. Seu repertório será sempre único, visto que este é o conjunto das experiências reais que cada pessoa tem, mas que também fabula.

Mas, o que significa ocupar o lugar de todos os lugares? Que lugar é esse? Em seu pensamento há uma primazia da visão, não apenas no sentido da capacidade biológica do ver, mas no sentido do ver como conhecer, experienciar e tornar esse conhecimento significado para si mesmo. Assim, o eu passa a ocupar esse lugar que reúne todos os lugares que vê, conhece, significa em si mesmo. Ou seja, o que há nesse lugar, no eu (em termos do conhecer significado) é um processo de criação do próprio eu. Atenção! O eu coutiniano é um ser de realidade e de possibilidade e, por isso, envolve as experiências reais vivenciadas, existenciadas e as possíveis que podem e ou poderiam acontecer.

Se bem observarmos, há aqui um exercício interessante de compreender o eu como passado, presente e futuro, relação direta com a memória. Essas três marcações do tempo se dão no próprio presente e simultaneamente estão no próprio eu.

O ser para a morte, por sua vez, atravessa sua escrita e como ser de realidade e possibilidade apresenta ela, a morte, como dimensão iminente e incondicionada da existência que jamais poderá ser testemunhada por si mesmo.

O ser existenciador que identifica faces e nomes, constrói o repertório⁸ e preenche seu estojo, interpreta o mundo e o significa, se depara com o paradoxo da liturgia do não-ser e com a impossibilidade de testemunhá-la, exceto na expansão da imaginária⁹ interna. Evidentemente, nenhuma dessas ações seria possível sem

⁷ É o sítio da final e inesgotável morada evaldiana, diz Menezes (1987, p.28).

⁸ Coutinho usa os termos repertório, estojo para significar o acervo mentalizado, introspectivo, sinônimo do universo existente, real, empírico, que assume também a efemeridade, assim como seu portador. O mundo empírico é tomado por ele como matéria-prima para pensar ontologicamente.

⁹ Refere-se a tudo que se forma no campo do pensamento.

a presença da memória. Somando a esse entendimento, Markus Silva (2015) afirma que tudo que se pensa tem origem na *phýsis*, na natureza das coisas que afeta a pessoa humana e ela tem a capacidade de transformar essas afecções em imagens internas na memória. Sendo a memória a base do nosso entendimento acerca das coisas no mundo, ao mesmo tempo, é também por ela que operamos o discernimento.

A partir de sua existência individual, Coutinho olha sua vida do miradouro identificando que ela se dá no compasso da repetição cotidiana. Assim sendo, apresenta a morte como dimensão iminente e incondicionada da existência que jamais poderá ser testemunhada por si mesmo. O filósofo existencialista, auto interpreta sua vida.

Evaldo inicia, *O lugar de todos os lugares*, delegando ao leitor a possibilidade de elaboração de sua própria imaginária, articulando o pensamento da obra com suas ilustrações, que possui autoria individual. Ou seja, o próprio leitor cria sua imaginária ao ler o texto. Ele põe no mesmo pé de igualdade sua imaginária e as dos leitores: “(...) pode cada leitor configurar semelhantemente; de fato, exposto o assunto, a nomeação, não será difícil a tarefa de, em concorrência com a minha imaginária, surgirem outras imaginárias, tão legítimas umas como a outra” (Coutinho, 1976, p.2). Seu solipsismo se apresenta inclusivo, visto que, o mundo é abrangido, incluído pelo eu e identifica, também, no outro a capacidade de configurar a particularidade de seu mundo particular. O autor dirá, adiante, que a imaginária de *A Ordem Fisionômica* é literalmente alegórica.

Ora, se a imaginária é alegórica, ou seja, ornamentativa da narrativa, pode-se dizer que ela é elemento partícipe da memória, pois para Coutinho a imaginária diz respeito a tudo que se forma no campo do pensamento. Logo, não há pensamento sem memória e vice-versa. Em diálogo com a reflexão exposta, Izabela Bocayuva (2015, p.65) diz que “a memória é vista como fruto de esforço necessário rumo à sabedoria, vivamente ligado à oralidade, ao diálogo representado”. Além disso, “a memória não é calada: evoca-se, realiza-se quando dita. A memória é um dizer”, afirma Alexandre Costa (2015, p.24).

Imagem 3: Retábulo ontológico, 2024. Técnica: bordado sobre papel cartão.



Fonte: produção e acervo da autora (2024).

No ensaio *O lugar de todos os lugares*, o filósofo apresenta, pela primeira vez a menção à memória dizendo:

Sucedem, entretanto, que a minha existencialidade demonstra maior percuciência que a obtida em face da luz: ela com os predicados da memória e da imaginação, interna-se aquém da atualidade a que me acomodo, aplicando-se ao passado, ao acervo que, indiretamente, não escapa à minha recepção, ao tipo de testemunho que, em tempo ainda – o meu tempo fisionômico, vem de firmar-se, pondo-se em existência que se dá porque eu existo e a mantenho em minha qualidade de estojo único (Coutinho, 1976, p.20).

A memória aparece como constituinte da existencialidade que se expande para além do presente incluindo em si mesmo o passado. O acervo do eu constitui a memória e este, por sua vez, pressupõe o testemunho que é único e que torna único o estojo de quanto existe e existiu. O eu faz parte do que está acontecendo, ele testemunha o que acontece. Assim, ao se referir ao seu “tempo fisionômico”, quer dizer, seu tempo de vida, que é sua criação e que depende de seu existir.

Coutinho diz que o ser tem a idade de quem existe. Se assim o é, então, podemos dizer que a memória tem a idade de quem existe. Se para ele a existência é finita, a memória segue o mesmo caminho.

“A memória no contexto fisionômico só poderia ser entendida como iconografia, termo que denota uma coleção ou acervo de ícones” e “a iconografia é o registro e acúmulo das alegorias ideais e reais, continente das presenças e ausências do passado”, sintetiza Souza (2014, p.63). Mas, a memória não contém somente o passado, ela é síntese do passado e do presente com vistas ao futuro. Tem uma função primeira de evocar, lembrar, todas as percepções passadas análogas a uma percepção presente, recordar-nos o que ocorreu e o que seguiu.

O filósofo francês, Henri Bergson, evidencia que “a memória não consiste, em absoluto, numa regressão do presente ao passado, mas, pelo contrário, num progresso do passado ao presente” (Bergson, 2010, p.280) porque nos colocamos no passado, ou seja, partimos de um estado virtual.

Coutinho, em toda a sua obra, assume os três lugares temporais: passado, presente e futuro que se entrelaçam, pois se coloca no progresso do passado ao

presente e do presente em direção ao futuro. Assim, ele exemplifica a memória como recordação e lembrança estabelecendo vinculações temporais:

Na hora, o exame que o belvedere porventura empreendeu foi insuficiente para descobrir, na face do interlocutor, a sombra insinuativa que, ao cientificar-se do advento da morte, o companheiro sobrevivente patenteia nos momentos da recordação. Se ele transporta a lembrança para a fixidez da escrita, refabulando o acontecimento, este se aclara como o não fizera aos olhos confrontantes, aos quais não se prognosticou o falecimento prestes a sobrevir; anota-o o escritor ao rever na mente o gesto que no original instante lhe surgira comum. A confecção artística no caso da escritura, sobreleva ao testemunho imediato verificando que este não é bem um elemento irretratável, porque as disposições da receptiva nem sempre se ajustam de todo à intimidade cênica; a validade da interpretação exposta pelo evento em causa, muita vez, se positiva quando ele se coloca em recesso, transferindo à lupa da imaginação e da memória (Coutinho, 1976, p.27).

Ao que parece, podemos perceber uma tentativa de distinção entre a fluidez e o embaçamento do vivido, que se soma ao advento do perecimento cotidiano, e o desejo do registro fixado através da escrita que, evita a morte iminente da cena. Parece que a externalização do interno, que é a externalização da memória, nem sempre corresponde ou se ajusta ao significado da experiência, dado os limites da narrativa.

Um diálogo possível pode ser estabelecido com o francês Bergson (2010, p.5; 159; 275), respectivamente, quando diz que “a lembrança representa o ponto de interseção entre o espírito e a matéria”, ou seja, é o ponto de encontro, o que une. “A lembrança se transforma à medida que se atualiza”, ou seja, cada vez que a lembrança é acionada, atualizamos a experiência vivenciada a partir dos referenciais do presente em que nos encontramos. “A lembrança é a representação de um objeto ausente”. Essa última assertiva já havia sido dita por Antônio Vieira¹⁰.

Vale destacar que para o filósofo francês “com a memória estamos efetivamente no domínio do espírito”, pois a matéria significa estar no domínio do

¹⁰ Gontijo; Massimi (2012) analisaram a memória nos Sermões do padre barroco, a quem Coutinho diz seguir seu método de escrita.

corpo e a memória do espírito. A matéria está no espaço e o espírito fora do espaço. E “o espaço nos é exterior por definição” (Bergson, 2010, p.281; 242).

Podemos dizer que em Coutinho o patentear nos momentos de recordação, pressupõe o direito da invenção da recordação para si mesmo. Estar no domínio do espírito inclui também a refabulação do acontecimento, a interpretação transferida à lupa da imaginação e da memória. Refabular o acontecido envolve a tentativa de recriar o vivido, imaginar como sucedeu e, em Coutinho, imaginar está centrado no ato criador da confecção artística, visto que, não necessariamente, a recordação se apresentará com fidedignidade ao que se passou.

A memória é a primeira potência anímica que recebe e recolhe dentro de si, “por meio da apreensão”, o conteúdo percebido pelos sentidos a ser elaborado pelo entendimento e pela vontade de modo a produzir conhecimento. E como afirma Marina Massimi (2010, p.669), é nela, na memória, que “estão presentes todas as imagens do mundo real”, percebidas através dos sentidos, visto que, os sentidos são as portas do conhecimento humano.

Massimi dirá, citando o sermão de Antônio Vieira (1654), que a memória tem a função de “estômago da alma¹¹”. Em sendo estômago, recebe o alimento e o transforma em nutrientes para todo o corpo, assim, a memória ao digerir o recebido, produz conhecimento. Agostinho (2014)¹², antes mesmo de Vieira, já havia dito que a memória é o ventre da alma. Sem entendimento, a memória tem dificuldade de se orientar e organizar suas reminiscências.

Explicitamente, o filósofo pernambucano diz, n’*A artisticidade do ser*, seguir o método de escrita de Antônio Vieira. Por outro lado, Coutinho também utiliza a mesma ideia e os mesmos termos de Agostinho, ao intitular os acontecimentos de seu repertório, a alegria e a tristeza, como o alimento doce ou amargo da memória.

¹¹ Massimi (2010, p.669). Na perspectiva vieiriana, a alma consiste naquilo que anima e caracteriza um corpo, ao mesmo tempo que sensibiliza os sentidos dos que veem (observam e percebem) tal corpo. Ela é princípio vital, aparece como forma substancial, não pode ser detectada pelos sentidos, mas apenas captada pelo raciocínio filosófico do intelecto.

¹² Para Agostinho (2014) a memória é uma potência do espírito e pertencente à natureza humana. É nela que o eu se encontra a si mesmo, se recorda de suas ações e sentimentos, onde estão todos os conhecimentos aprendidos pela experiência própria ou pela crença no testemunho de outrem. O espírito é a própria memória, ela é como o ventre da alma. A alegria e a tristeza são seu alimento doce ou amargo.

Assim, Coutinho apresenta o ato de iconografar como o testemunhar, formar as figurações mentais. As faces são classificadas de acordo com os nomes em que estão enraizados os aspectos afetivos da alegria e da tristeza. Portanto, o repertório, o acervo do eu é formado pelas nomações (leitura estética do mundo) para classificar as vivências, acontecimentos reais ou ficcionais nesse acervo. Isto é, cada evento está classificado por uma face que se deixa interpretar por um nome e esse nome tem um aspecto afetivo. Então, o acervo da memória se forma pelo ato de iconografar e a formação da iconografia pela junção do nome e da face. Ou seja, a iconografia é sinônimo de acervo de imagens.

Ante o exposto, o que podemos inferir quando há falhas da memória na ótica coutiniana? As falhas da memória na identificação do vivido trazem consigo o entrelaçamento da alegria e da tristeza, extraídas dos atos de existenciamento.

Com que peculiar sentimento, ao regressar de algum painel em que me condeu a espécie de representação, me reconheço minorado do descontentamento, ao acurdir-me a ideia de que o nome em causa incidira em outrem de minha memória, ou mesmo de apenas presumida aparição fora do meu olhar (Coutinho, 1976, p.48). Adotaria, até, por únicos prevalecentes, a alegria e a tristeza, inegavelmente os nomes que, em permanente contradita, podem intitular os acontecimentos de meu repertório; revelam-se os dizeres com que me muno e premuno para os atos do existenciamento, e se mostram tão solícitos em se aplicarem que se permitem, depois dos correspondentes sucessos, que me distraia a extrair destes, pela memória e como verificados fora de minha pessoal programação, a dosagem da alegria e a dosagem da tristeza (Coutinho, 1976, p.49).

Querer lembrar e não conseguir¹³, inserir outros elementos que não correspondem à lembrança do vivido traz consigo a inquietação que as falhas da memória provocam em cada um de nós e revela a incapacidade que temos do domínio sobre ela e ao mesmo tempo, a autonomia que ela possui em nós.

A memória é o lugar onde o humano busca encontrar o saber e é como um processo ativo, intimamente associada também à emoção e imaginação, visto que, não só relembra mas, organiza experiências e conceitos, de acordo com um

¹³ Em Proust (2004, p.13) “é um trabalho perdido buscar evocar nosso passado. Todos os esforços de nossa inteligência são inúteis. Ele se dissimula fora do seu domínio e de seu alcance, em algum objeto material insuspeito”.

esquema orientado por lugares e trajetos. Todo esse processo, torna disponível a invenção e a construção cognitiva (Massimi, 2010).

Ao intitular os acontecimentos de seu repertório com a alegria e a tristeza, Evaldo Coutinho parece indicar que as limitações do corpo matéria se apresentam nas falhas da interseção com o espírito, o que Bergson havia indicado como lembrança. Nesse caso, para o pernambucano, as falhas da memória encontram-se no perdimento de todas as coisas, nomeado por ele como tristeza. As falhas da memória incluem o confundir-se com o ocorrido, o vivido, o esquecimento, as contradições.

Vale salientar que a memória entendida como passado, como preenchida dos atos de existenciamento do passado, que só existem a partir de cada presente, também se configura com um poder e autonomia que lhes são próprios, visto que não há como garantir que ficará na memória o que o eu existenciador quiser. Essa ação não compete ao eu demiúrgico¹⁴, nomeado por Coutinho, mesmo considerando que o passado, o vivido só existe porque o eu existe no presente.

Assim ele diz:

Realmente, após se cumprir a representação, não saberei exatamente se me houve da maneira que eu programaria, com pormenores, para o que julgara o bom êxito de meu rosto, a memória sem outra coisa me exhibir senão o atrito, às vezes por demais penoso, entre o meu vulto e o nome que o agastara (Coutinho, 1976, p.61).

A concepção de Coutinho está muito próxima do que Bergson apresenta. O filósofo francês enfatiza que a percepção está impregnada de lembranças e que misturamos milhares de detalhes de nossa experiência passada. Em sua maioria, as lembranças deslocam nossas percepções reais, das quais retemos apenas algumas indicações, alguns signos que nos trazem à memória, antigas imagens. Então, ressalta que “a percepção se reduz, de fato, àquilo que interessa a você”.

¹⁴ Em Coutinho todo vulto humano é demiúrgico. Ser demiurgo é ser artífice, artesão, artista, aquele que cria o próprio universo, que organiza e dá significado ao que organiza. O eu coutiniano é existenciador, cria as coisas e ideias enquanto estas se tornam objetos de conhecimento na mente porque conhecer é gerar existência. Nesse sentido, a subjetividade é criadora do universo, o universo que só pode ser experimentado pelo eu, pela subjetivação. Ou seja, conhecer é sinônimo de criar, criar é existir e o conhecimento é existenciador.

“Não há percepção sem afecção”, ou seja, “a memória, praticamente inseparável da percepção, intercala o passado no presente” (Bergson, 2010, p.39; 60; 77 respectivamente). Não ter a certeza exata se a representação ocorreu da maneira programada, registrada por Coutinho no excerto anterior, se espelha no dito por Bergson da mistura dos detalhes, do deslocamento das percepções.

O filósofo pernambucano confirma a acomodação do passado no presente e, ao que aponta, a memória é também entendida por ele como passado ao dizer que “(...) todas as feições do pretérito se acomodam em minha contemporaneidade ou, antes, elas se afiguram com o existir que lhes proporciono, pois que de mim elas não existiriam se eu não existisse” (Coutinho, 1976, p.63). Assim, ao apagar das luzes do eu existenciador, haverá também o apagamento da memória.

Somos o que recordamos, nossa memória descartando o trivial, às vezes incorpora fatos irrealis e ocorre o processo de perda, no correr dos dias e anos, daquilo que não interessa e não nos marcou, pois, a memória contém em si mesma o esquecimento (Izquierdo, 2018).

Imagem 4: *Paradoxo vital*, 2024. Técnica: fotografia.



Fonte: produção e acervo da autora (2024).

Será, no entanto, que o eu revisita a memória ou a memória é ativada para o eu independente de sua vontade? Se é o eu que revisita a memória, por que não lembramos de tudo que vivemos? Se ela é ativada, como essa ativação se dá?

Para Coutinho, ao que indica, tanto a memória é ativada intencionalmente, quanto ela mesma possui autonomia própria, vindo à tona independente do querer do eu existenciador. Ele comenta:

Com que liturgias monologais costumo, ao demorar a memória em algum recinto, me enternecer ao sentir-lhe a devaneada detença, em virtude da representação que se verificou em sua superfície,

ritualizando-se o havido ambiente, por motivo de algum retábulo ou sequência de retábulos me ter aparecido em seu seio (Coutinho, 1976, p.85).

Deter-se nos rituais de diálogo interno, consigo mesmo, e observar como a memória configura cenas, retábulos, episódios e cria representações dessa imaginária¹⁵, é o que parece fazer o filósofo. “A imaginária interna é onde se exerce a capacidade criadora, ideativa das possibilidades sugeridas pelo ser e, a externa, onde se efetiva a contemplação da visualidade” (Matos, 2022).

A propósito deste aspecto, “o objeto da imaginária, em geral, tudo aquilo que é existenciado por ela, quer seja imaginária interna ou externa, é necessariamente uma composição alegórica” (Souza, 2014, p.58). A composição de uma formação alegórica contém o nome e a face. Mas, o que vem a ser um nome e uma face no dizer de Evaldo Coutinho? O nome é o aspecto formal do existenciamento, ou seja, é um contorno genérico. A face é o aspecto material do existenciamento, em outros termos, ícone, recheio, matéria.

Todo existenciamento é uma alegoria e, em sendo a alegoria compreendida como imagem, metáfora, representação, parece-nos que ela se dá no domínio da memória ao suceder as liturgias monológicas que ativam os retábulos ou sequência deles. Mas, uma atenção (Izquierdo, 2018) é destacada: as emoções, o contexto e a combinação de ambos influenciam a aquisição e evocação das memórias.

¹⁵ O estudo de Matos (2022) apresenta uma equivalência do caráter interno e externo da imaginária, com a mente e a consciência pois, operam de maneira similar e, propositalmente, divergente, caminhando juntas para a confecção de um repertório cênico.

Imagem 5: *Inventário da memória*, 2024. Técnica: mista.

Fonte: produção e acervo da autora (2024).

Na continuidade da tessitura de seu pensamento, o pernambucano destaca o processo de maturação humana ao longo do tempo vivido que acumula, salvaguarda ou reúne o existenciado que se apresenta aos olhos e à lembrança, mas inclui também a imaginação. A imaginária, portanto, faz parte da memória.

Com os recheios de todas as idades, os ambientes alhures se escalonam ao módulo de minha pessoa, mais parecendo que, ocultando-se à minha vista, melhor se dispõe a confirmar o existenciamento que lhes faculto, como se coubesse, a todos os locais, a contingência de acorrer a duas situações, ambas em mim: a de ser em eventual objetividade – entendendo-se por objetividade o confronto físico com os meus olhos – e a de me nutrir a lembrança e a imaginação (Coutinho, 1976, p.98).

No texto dissertativo de Souza (2014, p.40), o autor analisa que o “existenciar é a identidade entre conhecimento e criação, ou a identidade entre testemunho e criação, ver e criar”. Sintetiza o conceito de visão existenciadora no pensamento de Coutinho dizendo que pensar é ver, ver é criar, ser é ver ou ser visto. O ser é iconológico. Para ele, não há experiência possível no sistema filosófico de Coutinho senão experiência visual, pois criar significa dar existência e ver e existir são o mesmo. “Criar imagens torna a coisa presente, ver é crer” (Gontijo, 2011, p.30).

Quais são, então, as formas de visão existenciadora? Diz Souza (2014, p.53) que são a sensibilidade, a memória, a inteligência e a vontade. Elas proporcionam a ideia de unidade do pensamento, sendo “essa unidade dos atos do espírito, enquanto atos visionários, dá origem ao conceito de imaginária”. Seguindo a reflexão, visão ou óptica se relacionam à cognição em geral. O olhar é cognição, em geral, e assume o papel de câmera cinematográfica, pois cada um é um cineasta apoiado no poder da visão.

A aptidão da vista é que imprime mais fortemente na imaginação e na memória as coisas percebidas, permitindo evocá-las com maior fidelidade e facilidade. Mas, há variação no olhar e o olhar é, ao mesmo tempo, sair de si e trazer o mundo para dentro de si (Chauí, 1988). Entendamos aqui que o olhar não se restringe à percepção biológica do visual, pois envolve o processo do pensamento. Nesse movimento, o desenvolvimento da inteligência se faz pela memória e pela experiência.

O texto de Coutinho não apresenta uma escrita linear. O retorno constante aos mesmos temas é típico de sua narrativa. Essa observação também se direciona ao voltar à lupa para compreender sua relação com a memória.

Se as falhas, os esquecimentos e as contradições já haviam sido acenadas, a perda será outro nome direcionado à memória, no pensamento coutiniano. Enfraquecimento, confusão, escuridade, falha, desmemória são aspectos sublinhados por ele no perdimento que atingirá seu ápice, no ponto intestemunhável. Assim, “a imagem que não é apropriadamente retida, se perde” (Gontijo; Massimi, 2012, p.173). Ao que parece, a obra de Evaldo Coutinho é uma tentativa de escapar da perda, de como lidar com a perda e como se contrapor a ela.

Por exemplo, no capítulo *A iconografia* do ensaio *O lugar de todos os lugares*, o pernambucano discorre:

A indistinção entre as duas conjunturas (a realidade e a ficção, o real e o possível) o que se efetivará quando na vigência da morte; e desde já a se fazer insinuante, através do enfraquecimento de minha memória e das testemunhas a quem me resolvo consultar: formando-se inexoravelmente uma atmosfera de confusões e escuridades em torno de sucessos que, a outras pessoas, talvez pareceram esquecíveis nonadas, mas ao meu miradouro se ungeram de oportuna e esclarecedora significação (Coutinho, 1976, p.113-114).

Nesse quesito, Agostinho pôs-se a questão: “que é o esquecimento senão a privação da memória? E como podemos esquecer se nos lembramos o que significa esquecer?” Ora, “se nós retemos na memória aquilo de que nos lembramos, e se nos é impossível, ao ouvir a palavra esquecimento, compreender o que ela significa, a não ser que dele nos lembremos, conclui-se que a memória retém o esquecimento”. E arremata sintetizando que “a presença do esquecimento faz com que não o esqueçamos; mas quando está presente, esquecemo-nos” (Agostinho, 2014, p.254).

Evaldo Coutinho ainda indica que a memória é também ficção e criação, no seguinte excerto:

(...) A circunstância de falhar a memória nesses casos de faciais articulações (onde se iniciou a ficção, onde teve seu término a realidade) se reveste de caráter positivo concernentemente à fatalidade do desaparecer que, de hábito, pouco a pouco se inculca nas presenças, que são porosas por natureza. (...) convindo não esquecer que a desmemória figurativa se inscreve como um dos exemplos mais comuns e acertados dessa

conjuntura de virem a perder-se, de estarem a perder-se os dados que preferencialmente atestam o exercício de minha fisionômica e existencial criatividade (Coutinho, 1976, p.115).

Quanto mais se usa a memória, menos se perde, destaca Ivan Izquierdo, salientando que o esquecimento consiste no apagamento da resposta e isso ocorre só com a morte neuronal das sinapses envolvidas. Muitas vezes, porém, a simples passagem do tempo recupera a resposta, pois o uso contínuo da memória desacelera ou reduz seu déficit funcional que ocorre com a idade (Izquierdo, 2018). Essa ocorrência que se dá no compasso da repetição não deixa Evaldo Coutinho se olvidar da personagem principal de sua obra, a morte.

No pensamento coutiniano, as objetividades e imaginações contêm em si mesmas os produtos da memória. Em outros termos, podemos dizer que a memória também é produção do eu existenciador. Ainda n’*O lugar de todos os lugares*, assim, ele se posiciona:

As objetividades e imaginações compreendidas nestas os produtos da memória, antes de se desvendarem a si mesmas, representam o papel de confirmadores de minha existencialidade, do sortilégio de em mim eu gerar essas objetividades e imaginações, as quais não se verificariam, em mim, se porventura eu não existisse com a minha englobadora claridade (Coutinho, 1976, p.146).

Como elemento substancial para o autoconhecimento e para o conhecimento da realidade, é a memória que nos orienta de modo ordenado (Gontijo; Massimi, 2012). Ao que parece, Coutinho apresenta em sua obra um exercício intenso de auto interpretação da vida e as cenas do cotidiano são matéria-prima para a investigação existencial. Ao mesmo tempo em que a centralidade do eu existenciador coutiniano se coloca no lugar de demiurgo, o eu, também, é compreendido e apresentado como o eu de cada um. Cada um existencia, cada um constrói o seu repertório, cada um ocupa o lugar de miradouro. Pois, “em cada leitor há sempre uma edição nova da narrativa e esta, em relação a cada um, permanecendo na memória do leitor segundo a versão propiciada pela primeira leitura”. O filósofo amplia: “considerando-se que são raras as releituras, está

igualmente sujeita, sem sair do mesmo portador, as deformações que na memória em geral costumam ocorrer no decurso do tempo, em auto-infidelidade” (Coutinho, 1976, p.184). Deformações que na memória, em geral, costumam ocorrer no decurso do tempo em auto infidelidade é símile ao conceito nomeado por Izquierdo de memórias falsas (Izquierdo, 2018). Sua elaboração pode-se dar a partir da repetição da evocação de diversas misturas de memórias, somada à extinção parcial da maioria delas.

Imagem 6: *Repertório Existencial*, 2024. Técnica: costura.



Fonte: produção e acervo da autora (2024).

Coutinho afirma que todas as vidas e memórias de vidas dependem da vida do eu existenciador, pois é nele e com ele que elas existem nele mesmo. Desse modo:

A contemplação de toda a imaginária, que na meditação se configura interna, me faculta a contingência de crescer ao instinto de auto-conservação o predicamento de dependerem de minha vida todas as vidas e memórias de vidas (Coutinho, 1976, p.187).

Podemos observar, então, que Evaldo Coutinho apresenta a memória como constituinte da existencialidade que se expande para além do presente incluindo em si mesmo o passado e o futuro em possibilidade. Parece haver, nesse quesito, um diálogo direto com o pensamento de Antônio Vieira¹⁶, pois dirá ele que a memória é da ordem da ontologia do ser humano, constitui seu ser. A maneira pela qual a pessoa conhece passa pelo corpo, sentido e potências, percepções e afecções.

O acervo do eu, que se dá pela subjetivação, constitui a memória. Ela recorda, lembra e estabelece uma vinculação com o tempo. A memória entendida como passado, como preenchida dos atos de existenciamento do passado, que só existem a partir de cada presente, também se configura com um poder e autonomia que lhes são próprios. É o processo de maturação humana, ao longo do tempo vivido, que acumula, salvaguarda ou reúne o existenciado que se apresenta aos olhos e à lembrança, mas, inclui também a imaginação. Nesse sentido, para Coutinho, faz parte da memória também a imaginária. A imaginária interna como o “exclusivo território do pensamento” (Coutinho, 1987, p.8) é alimentada pela imaginária externa.

As falhas da memória, suas deformações se apresentam na identificação do vivido e sua perda também não passa despercebida, pois se une ao perdimento de todas as coisas e ao apagar das luzes do eu existenciador, que para o filósofo, se identifica com o momento da tristeza. Enfraquecimento, confusão, escuridade, falha, desmemória atingirão seu ápice no ponto intestemunhável, no pós-véspera.

A memória é também, para o filósofo, ficção, criação, produção do eu existenciador e todas as vidas e memórias de vidas dependem da vida desse eu, pois é nele e com ele que elas existem, nele mesmo, e é nele e com ele que se dará o apagamento da luminária no féretro.

Em síntese, a memória se apresenta como:

¹⁶ De acordo com Gontijo; Massimi (2012).

Gráfico 1: Síntese de referências à memória na ontologia coutiniana.



Fonte: produção e acervo da autora (2024).

Afirmamos que as fissuras na memória desembocam e são apresentadas pelo filósofo pernambucano como:

Gráfico 2: Desaguar das fissuras da memória na ontologia coutiniana.



Fonte: produção e acervo da autora (2024).

A memória em Evaldo Coutinho, é constituinte do eu existenciador. O eu existenciador pressupõe a subjetividade. Mas, não existe subjetividade sem memória. Assim sendo, para Coutinho a vida se dá no compasso da repetição e dizemos que a memória pode até conter em si a repetição, mas não se limita a isso, pois envolve também a criação, a ficção, as falhas e os esquecimentos. A continuidade da ação do criar, do ficcionar, do falhar e do esquecer podem até ser consideradas repetições do eu, mas o seu conteúdo, o recheio delas será diverso, pelo menos, em suas características temporais e espaciais. Então, o eu existenciador é mnésico por excelência.

O eu existenciador é demiúrgico, cria o universo em si. Criando o universo em si, exercita com sua memória a subjetividade. Produz seu repertório a partir do miradouro, nele as experiências são significadas e nominadas, visto que a nomenclatura é a leitura estética do mundo. Sendo assim, o repertório é o universo existente e será sempre único, introspectivo, real, empírico, logo, subjetivo. Mas, a subjetividade está condicionada ao prazo da própria vida do eu existenciador, assim como sua própria memória.

3. A memória na estruturação artística do universo coutiniano

Imagem 7: *O entre*, 2024. Técnica: desenho com pastel e caneta.



Fonte: produção e acervo da autora (2024).

“Entre o acontecimento e a narração do fato, há um espaço em profundidade, é ali que explode a invenção”. (Evaristo, 2017, p.11)

Coutinho diz que a intuição é o elemento central que dá autonomia à arte. A intuição é o sentimento do mundo, visto que, o ser humano possui dentro de si uma capacidade de experiência de mundo. É um ato artístico e filosófico. Ela traduz, em certo sentido, sua relação com a totalidade. No entanto, contém o indizível, no sentido de nunca poder ser esgotada pela palavra. Para ele, Arte é expressão da intuição.

Na ontologia coutiniana a morte é a sua intuição. A morte é a experiência da ausência. A ausência é o anúncio do não-ser, do perdimento das coisas em mim que se dá no cotidiano. O cotidiano, por sua vez, permite ao eu existenciador conceber lugares, tempos e moradas em si, uma vez que a maneira de elaborar artisticamente a experiência, abarca, envolve a realidade e a possibilidade. Isto quer dizer que é nos espaços que ocorre o desempenho da teatralidade, pois eles são palcos de representação. É nos espaços que se dá a criação artística de cenários. As temporalidades do passado, presente e futuro são abarcados no eu, estão intrínsecas às relações com a memória. Assim, o conjunto de imagens selecionado pelo eu existenciador, une a face e o nome e esse exercício iconográfico, unifica suas experiências. Então, é a memória que ao elaborar a experiência classifica as faces de acordo com os nomes, visto que, o aspecto artístico se dá quando a figura mental (face nominada) é tomada como alegoria ou símbolo da intuição, da morte. A memória torna presente o ser ausente.

Quando alguém nasce, nasce consigo o universo inteiro. Quando alguém morre, morre consigo o universo inteiro, diz Coutinho. Existencio “o entre” o nascer e o morrer. Não existencio o momento do nascimento, nem o momento da morte, apenas como possibilidade por meio da imaginária. Toda obra artística, então, é, antes de tudo, a representação do modo de o universo acontecer no estojo que o criador lhe reserva. Em outros termos, ninguém existencia pelo outro, pois o repertório é pessoal, assim como seu conhecimento.

Nesse tópico, o foco está centrado no papel da memória na criação artística, cênica, representativa do universo pelo eu existenciador.

No início de *A artisticidade do ser*, Coutinho diz:

Por mais resistentes e perpetuáveis que sejam as coisas, elas se fatalizam à efêmera duração: a de minha vida consciente. Reportando-me à idade do universo em vez de referir-me à sua cursividade autonôma, prefiro dizer que ele não possui idade própria, que encerra tantas idades quantas são as consciências que o patenteiam. O ser tem a idade de quem existe (Coutinho, 1987, p.IX).

Todos, igualmente e sem exceção, caminhamos ao mesmo ponto: o destino da finitude. O filósofo traz, novamente, à tona o irremediável perdimento de todas as coisas que se dá, em seu ápice, na finitude do existenciamento do eu que, por sua vez, encerra consigo todo o seu repertório, seu estojo, todos os nomes e faces, toda a sua criação que se traduz em seu conhecimento, seu mundo fisionômico, seu miradouro. Para Bergson é a memória que “constitui a principal contribuição da consciência individual na percepção, o lado subjetivo de nosso conhecimento das coisas” (Bergson, 2010, p.31). Então, a morte do eu existenciador, leva consigo sua memória. Em nosso entendimento, a memória constitui o núcleo epistemológico da filosofia coutiniana.

Nos sermões de Antônio Vieira (Gontijo, 2011), também se encontra o tópico do fim da vida e do mundo. Está sempre presente a iminência da morte. Acabando-se a vida, finda-se o mundo. É ainda Vieira que traz a imagem do mundo como um teatro em que as figuras (personagens/atores) passam, sem se darem conta. Coutinho se utiliza dessa mesma ideia e, ao que parece, não deseja apenas passar pelo mundo, coloca-se no lugar de sentinela e em posição ativa. Toma para si o papel de, em si mesmo, investigar sua existência, refletindo filosoficamente e artisticamente sobre como isso se dá, pois o *memento mori*¹⁷, não cessa de se mostrar a cada instante. Mantendo-se fiel ao estilo barroco¹⁸, o qual diz se vincular,

¹⁷ Expressão em latim que significa “lembre-se que é mortal” ou “lembre-se de que morrerá”.

¹⁸ O barroco foi um estilo artístico entre os séculos 16 e 18, iniciado na Itália e difundido para outros territórios da Europa e América Latina. Influenciou a arquitetura, pintura, escultura e música do período. Possui excesso de adornos, contrastes intensos, cenas dramáticas, intensidade de luz e sombra, rebuscamento nas formas, no jogo de ideias e figuras de linguagem. Para Menezes (1987, p.72) “é superabundante e irregular, imprevisto e inconstante, como a natureza humana”.

seu texto apresenta, constantemente, a mistura dos extremos, vida e morte, alegria e tristeza, a evidência e opacidade e o excesso de adornos.

Analisando a tese da teatralidade do mundo em duas obras de Evaldo Coutinho, *O Espaço da Arquitetura* e *A Artisticidade do ser*, Silva diz que “a vida é uma obra, uma criação. Existenciada, como tudo o que há, pelo eu existenciador”. “Cada consciência cria o seu mundo, desempenha seu papel de criação. Então, ao tomarmos cada consciência como referência, o fim de sua peça significa o fim de seu mundo, a morte” (Silva, 2024, p.54 e 56).

Percebemos um diálogo direto com o dito por Coutinho e refletido por Silva, observando o estudo realizado sobre o conceito de memória nos Sermões de Antônio Vieira. Nele a recapitulação na memória das vivências passadas pode orientar a ação presente pois, segundo o autor barroco Antônio Vieira “os homens não se dão conta de sua finitude, de que são apenas figuras que compõem uma breve cena no teatro do mundo” (Gontijo; Massimi, 2012, p.174).

Coutinho, incorpora essa ideia e ressalta o fenômeno da morte e o entendimento do mundo como um teatro e a vida encenada cotidianamente. Em nossa compreensão, o filósofo patenteia seu percurso de vida, seu recheio, como o ser existenciado que por ele se dá e se relaciona, a partir dos tantos miradouros em que se coloca como autor, produtor, ator e espectador do universo existente em si. Nesse sentido, a experiência artística e criadora do universo se mantém ativa e contínua.

Imagem 8: *Miradouro*, 2024. Técnica: guache sobre vergê.



Fonte: produção e acervo da autora (2024).

Esses papéis diversos assumidos, de autor, produtor, ator e espectador, se abre às possibilidades da criação do universo em si e a própria vida passa a ser compreendida como uma obra de arte, seja em realidade, seja em possibilidade pois, a imaginária terá um lugar primordial para essa feitura.

Na introdução d'*A artisticidade do ser* o pernambucano cita a memória em dois momentos. No primeiro, coloca a imaginária externa como alimento da memória e da imaginação, preparando todo o cenário artístico teatral. Vejamos:

A imaginária externa são os alimentos da memória e da imaginação, revestindo-se da linguagem que corrobora o sentido de minha presença, que se compara à ótica do espectador a abranger o palco e a platéia; e considerando a perspectiva de maior amplitude, tal ótica está a abranger também os bastidores, e ainda, além dos bastidores, os incontáveis eventos que em si fora do edifício se amoldam aos nomes do anonimato, da indiferença, da obscuridade, da participação no gênero, e de outros com que rotulo variada e matizadamente, em mim, o Não-ser, em vésperas da definitiva integração (Coutinho, 1987, p.XVIII).

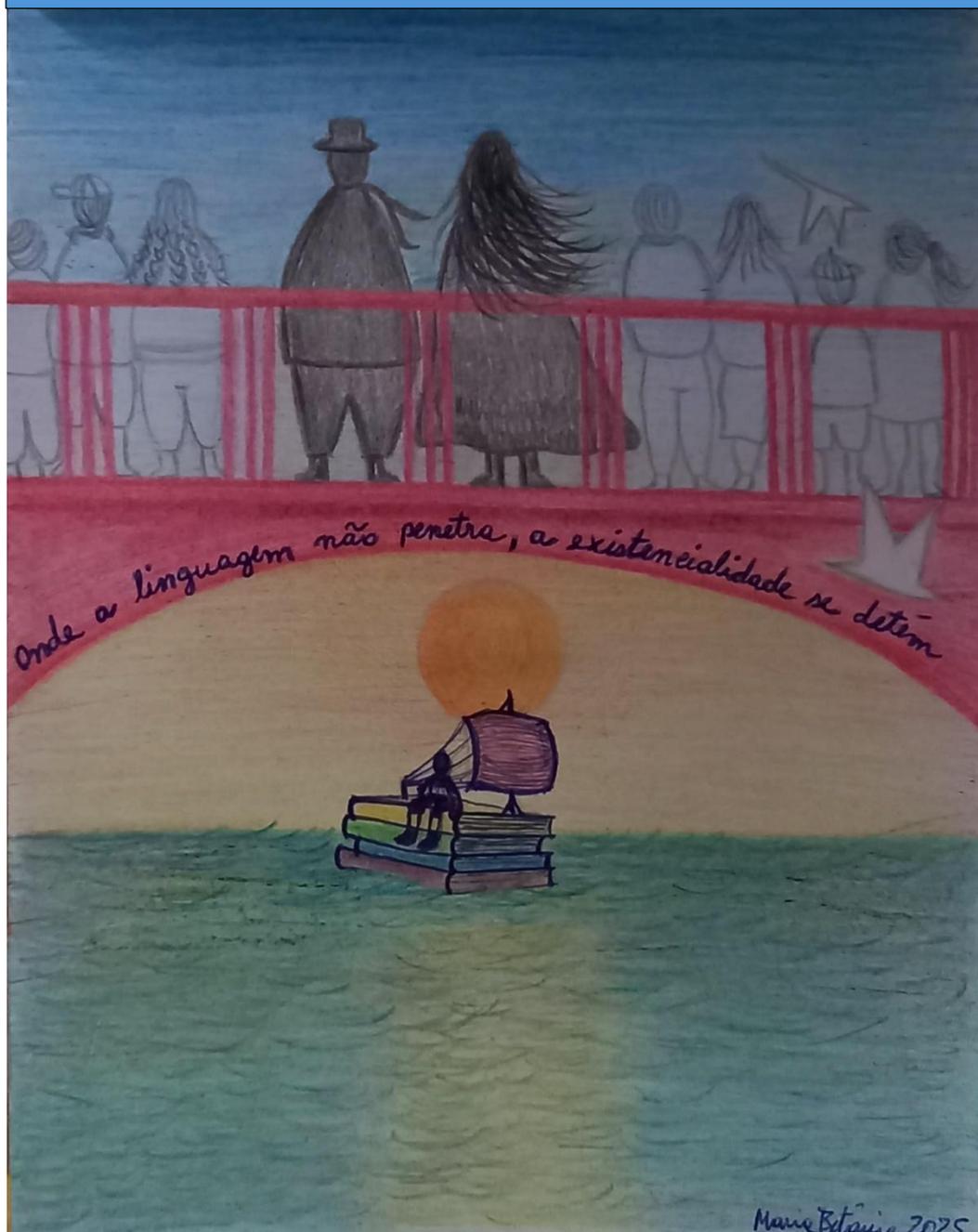
No segundo, adiciona na memória, cada rosto da imaginária externa que passa a compor e estruturar a cena criada pelo eu existenciador, por sua subjetividade, sem que esses atores percebam sua criação.

Cada rosto da imaginária externa tem adicionada a si e sem que suspeite de tal edição, a propriedade de ser ator no estrado íntimo de quem manteve, na memória o referido rosto que então, no curso do novo desempenho, se patenteia bem mais atuante que no período de sua empiricidade (Coutinho, 1987, p.XIX).

Coutinho parece exercitar conscientemente o processo de armazenamento e produção de imagens na memória através da experiência significada, observada, percebida pelos sentidos em seu cotidiano corriqueiro e o transforma numa criação artística estabelecendo analogias, criando cenários, selecionando personagens, atribuindo papéis, criando roteiros. A imaginária interna alimentada pela imaginária externa, põe em destaque o papel singular da memória de guardadora de imagens recebidas e processadas. Esse armazenamento será matéria-prima para a criação artística do universo do eu existenciador, de sua subjetividade demiúrgica.

Diz Coutinho (1976, p.87): “sou o estojo de quanto existe e existiu. Sou o lugar de todos os lugares”. Ocupando este lugar, Coutinho mobiliza recintos e esses se convertem na imaginária interna que podem ter advindo do real ou do devaneio, pois para montar e remontar painéis, cenas, roteiros, é preciso incluir e excluir atores, objetos, luz, sombra, indumentárias para compor o cenário. Ressalta a necessidade da linguagem para tratar do que existe, pois é através dela que se dá a organização da experiência. Mas, vale lembrar que ela é sempre limitada.

Imagem 9: *Imaginária*, 2024. Técnica: desenho e pintura.



Fonte: produção e acervo da autora (2025).

A impossibilidade tanto do outro inteirar-se, da interiorização do pensamento alheio, quanto do eu mesmo se inteirar da interiorização do pensamento do outro, é um destaque dado por Coutinho. O filósofo registra que: “apenas, leitor nenhum vem a inteirar-se dessa interiorização em meu pensamento”. E continua: “no entanto, é ela, em mim, a fatalidade a que se submetem os componentes do ser, entidades que se idealizam”. Mas, arremata dizendo: “desde que, afastando-me de suas presenças, as transfiro para a memória e a imaginação” (Coutinho, 1987, p.10).

Nesse sentido, evidenciamos que a impossibilidade da interiorização no pensamento do outro é facultada a todo eu existenciador. Essa interdição também se direciona à memória, visto que ninguém, em qualquer instância, poderá penetrar na memória alheia.

Todo acontecer empírico, mesmo não apreendido pelo eu existenciador, através da imaginária externa, carrega consigo alguns privilégios. Dirá Coutinho: “com efeito, a lembrança tem o privilégio de oferecer correspondências, miniaturas da morte derradeira, absoluta, fisionômica, de oferecer ensaios do perecimento” (Coutinho, 1987, p.23). Mas, enfatiza que esse fenômeno se prolonga além da memória, por isso, se destina a todo o acontecer empírico. Por que além da memória? Porque não foi existenciado pelo miradouro. Logo, estará apenas no campo da possibilidade e não da realidade. Mas, terá o mesmo fim, o do perecimento.

Bergson (2010, p.32) deixa claro que “uma imagem pode ser sem ser percebida” porque ela pode estar presente sem ser representada, pois a representação necessita da significação dada. Para ele “a distância entre os dois termos, presença e representação, parece justamente medir o intervalo entre a própria matéria e a percepção consciente que temos dela”.

O ser na modalidade artística e representativa, ministradas por Coutinho, parece uma espécie de síntese de seu sistema filosófico entregue aos leitores e seus repertórios. Ele mesmo explicita: “nos cinco livros da ordem fisionômica entrego ao pensamento dos leitores, ou melhor, ao repertório de cada um, o ser na

modalidade artística e representativa que me coube ministrar” (Coutinho, 1987, p.24). Sua consciência não lhe deixa esquecer o inexorável momento do perdimento de todas as coisas, embora, ele patenteie seu percurso de vida, seu estojo, e entregue à humanidade o que fica dessa subjetividade existenciadora.

Ao que parece, a significação dada à cena, vivenciada pelo eu existenciador de seu miradouro, é o que fica na memória. Alega Coutinho:

Todo vulto encerra momentos em que ele não vale por si mesmo e sim em virtude da delegação de que se incumba, sem suspeitar de tal missão diante do contemplador, nem dela suspeitam os ausentes e eventuais outorgantes. Efetua-se uma representatividade à revelia dos participantes, com os atores incientes da natureza e da perfeição do ato, sem virem a anotá-lo na memória (...) (Coutinho, 1987, p.32).

Partindo da questão de como a intuição filosófico-artística possibilita à existência criar significado, Silva, na análise da obra coutiniana, aponta que “por força de sua intuição, a imaginária interna por absorver a imaginária externa, isto é, todos os quadros e vultos existenciados pela presença criadora são convertidos e realocados”. E destaca que isso se dá: “via cerebração, para o majestoso palácio das memórias, onde todo o acervo da iconografia exterior, recolhido sob a nominalidade da ausência, repousa” (Silva, 2019, p.26).

Existenciar a vida e a morte, através da experiência pessoal e através da nominalidade é o lugar em que se coloca Coutinho. Existenciar a vida quer dizer estar em atividade e testemunho empíricos. Existenciar a morte, se dá em ideal expectativa, pois, ela, a morte, não se permite desvendar.

O pernambucano ainda destaca a importância da memória no exercício subjetivo e grifa:

o despreparo do espírito quanto à imediata nominação do rosto ou do painel, a impossibilidade, a omissão que acontece em dar o nome à figuração, é suprida pela recapitulação mental (...) graças à memória, retomo a cena e lhe aplico a exata nominação” (Coutinho, 1987, p.44).

Quando há existenciamento, o conhecimento, vem habitar infalivelmente em si mesmo e à disposição de sua prática rememorativa. É curioso, porém, observar que é a comunicabilidade o fator que se põe determinante sobre a necessidade do nome. Na imaginária interna, ou seja, na plenitude da memória e da fantasia, o nome é dispensado porque o que prevalece é a face. Parece, assim, que a imagem sela com maior intensidade na memória do que propriamente o nome dado a ela.

Então, no dizer coutiniano:

A imaginária interna se incumbem de tais vivificações, permitindo-me concluir que, em mim, quase todo o trabalho da meditação se devota a excluir da dissolução no gênero os rostos e faces que a leitura, o ouvir dizer e a correta e pessoal memorização reativam em claros desempenhos (Coutinho, 1987, p.63).

Sem perder de vista, o ponto intestemunhável, e no exercício intenso da imaginária interna, a partir do existenciado na imaginária externa, Coutinho não cessa de idear o momento do féretro. Em mais um momento ele expressa que: “a prática da memória e da imaginação é sempre a ante-sala do velório” (Coutinho, 1987, p.73). Assim, a confecção artística é capaz de identificar na alegoria o fim último da finitude, do perdimento de todas as coisas em mim e comigo. Registrando a ausência da atmosfera da condolência, dirá ele, que os que comparecem ao velório variam os assuntos da conversa, mesmo estando ali por motivo fúnebre.

Em análise de sua própria vida e na fabulação artística dela, o filósofo pernambucano, a partir de sua experiência pessoal e de sua “longa idade”, como ele mesmo dissera, traz à tona, novamente, a perda da memória, suas falhas e fissuras, reforçando o seguinte: há “um acervo cada vez maior de nomes apelativos e de rostos, o que verdadeiramente ocorre é que estou a reduzir o número dos relembráveis, o desfile da memória a contar com menos participantes das mesmas vésperas” (Coutinho, 1987, p.76).

Mesmo se o desejo da permanência em memórias alheias, em que se pressupõe o conhecimento recíproco, parece persistir no humano, ainda assim,

isto não acontece com os desconhecidos seja na cidade em que se habita, seja em outros lugares. Pois, conforme Coutinho, a efígie se ilumina como um relâmpago e depois de segundos, nada restará.

Imagem 10: *Perdimento*, 2024. Técnica: pintura digital.



Fonte: produção e acervo da autora (2024).

A memória parece constituir-se com a pura ocasionalidade do cotidiano. Porém, há um aspecto destacado por Coutinho que é a singularidade, pois, é ela quem fará o papel de tornar cognoscitivo o cotidiano experienciado. Dirá Coutinho: “[...] em casa reponho, através da memória, o desfile do olhar pela rua afora” (Coutinho, 1987, p.92).

Ele destaca a importância da memória e da imaginação na composição e reposição dos nexos. Mas, se coloca ciente dos seus limites, de suas falhas, não

pretendendo “reconstituir textualmente o pretérito que o não-ser reconquistou em imensa quantidade” (Coutinho, 1987, p.172) e observando que resta uma parcela que escapa mesmo percebendo que a efígie se esvai ou o nome é desprovido de conteúdo.

Desta feita, os acontecimentos que aparecem na memória, sejam eles por meio da deambulação, seja os de “temática insuportável nutridos pela previsibilidade da memória” (Coutinho, 1987, p.96), pressupõem que é na imaginária interna que se deposita o acervo da possibilidade. É do visível ao invisível, precisamente, que intervém a imaginária interna. Visto que, esta passagem de um estado a outro é o que permite o registro e a guarda das efígies na memória.

Assim, a criatividade subjetiva absorve em cada existenciamento, em cada conhecer, o fluxo das coisas já existenciadas pelo eu, no prazo da vida e se limita à sua temporalidade. Estando existenciadas, se encontram no território da possibilidade. É, portanto, a memória quem “as salva do inteiro perdimento” (Coutinho, 1987, p.101). O existenciado é a matéria-prima para a confecção artística e a memória o lugar primordial de salvaguarda dele.

A memória preserva melhor a cena, mas, é ela também, quem “sonega o que eu lhe havia determinado para depois”. Desta feita, a voluntariedade de dirigir a memória não é suficiente para corresponder ao que se espera dela, pois ela mesma tem o poder de editar os retábulos. Portanto:

Preparar para a memória, obriga a deter a espontaneidade da presença, cujo retorno em mim vivamente desejo, nos moldes de minha intenção; a qual enfrento o risco de, sustando a naturalidade do painel, granjear um resultado inferior ao que lhe propinaria aquela naturalidade (Coutinho, 1987, p.107).

A criação artística do eu existenciador carrega consigo, a identificação do real vivido como um teatro, e ao mesmo tempo, a simplificação, modificação ou incrementação da cena, da alteração dos figurinos e personagens, do cenário vivido, nos termos de infidelidade em relação ao real vivido, mas em possibilidade de fabulação contínua e dinâmica que comporta em si o ato de criar.

Há uma análise observada pelo filósofo no que se refere às marcas, com maior ênfase, dadas à imaginária externa como alimentos da memória. Isso se dá pelo valor ôntico dos contatos do belvedere com as coisas que ele se defronta. Nesse ponto, Bergson evidencia que “a percepção se reduz, de fato, àquilo que interessa a você” e “não há percepção sem afecção”. Ainda arremata dizendo que “a memória, praticamente inseparável da percepção, intercala o passado no presente” (Bergson, 2010, p.39, 60, 77).

Coutinho, se refere às pequenas e grandes alegrias considerando que elas serão movidas pela memória até o comparecimento da despedida do vulto no féretro, no ponto intestemunhável. Registra que a execução do ritual abrange a preservação dos rostos na memória. Mas, “por ausência de atores fornecidos pela imaginária externa, recorro aos abrigados na memória, escolhendo aquele ou aqueles que correspondem à nomenclatura em apreço” (Coutinho, 1987, p.142). Assim, até a cena do velório de si mesmo, o eu existenciador coutiniano cria artisticamente, elabora o roteiro, escolhe personagens, ritualiza a cena, cria o cenário.

Como mapeador de presenças e ausências, o filósofo se mantém atento às cenas cotidianas para extrair delas significações diversas. A pressa, a concentração, a paragem não passam despercebidas. As relações cotidianas são alimentos da imaginação e da memória. Elas são nutrientes para “associação de ideias na memória, com a floração de nomes sobre a minha figura” (Coutinho, 1987, p.145). Mas, o eu existenciador único, recompõe em si mesmo as situações de que não participou, porém, foram existenciadas por ele em sua imaginação, em sua criação artística.

O encontro no paradoxo do ser e do não-ser traz a percepção de entrelaçamento com a memória. Em outro momento do texto vem em evidência, os limites do belvedere por não alcançar toda a cenografia e essa lacuna será suprida pela imaginação e pela memória, conforme o filósofo:

Assim, além de criar os atores, crio os textos de sua interpretação, reservando para mim o absoluto de todas as ingerências; e aonde não vou com os meus passos físicos, vão os passos da imaginação e da memória [...] (Coutinho, 1987, p.177).

Em Antônio Vieira a imaginação é solicitada para a criação de cenas, composições de lugares, percepções sensoriais, reconstrução de fatos na memória ou conjecturas fabulosas. Gontijo diz que o objetivo de tudo é mobilizar afetos de forma ordenada e meditar cada ponto proposto com as três potências que compõem a ontologia humana: a memória, o entendimento e a vontade (Gontijo, 2011). Coutinho parece fazer o mesmo exercício de Vieira.

Encaminhando-nos para o final desse trabalho, há ainda alguns pontos a serem destacados na ontologia coutiniana no que se refere à memória na estruturação artística do universo.

Ao assumir para si o lugar de autor, produtor, ator, espectador, todos os detalhes são potenciais agregadores da criação artística, incluindo as falhas, fissuras, embaraçamentos, embaçamentos e confusões atribuídas à memória por ele. Outra cena, então, é apresentada explicitando que isto se dá quando o belvedere susta suas renovações e os sinais com que o não-ser se manifesta se acumulam com a lembrança e a deslembração: “levando o miradouro ao domínio da memória, verifico que os sucessos do passado, que no seu tempo, tiveram o calor persuasivo de um conspecto de agora, estão, em mim sob critérios de apreciação deste agora” (Coutinho, 1987, p.233).

Bergson (2010, p.158) dirá que: “essencialmente virtual, o passado não pode ser apreendido por nós como passado a menos que sigamos e adotemos o movimento pelo qual ele se manifesta em imagem presente, emergindo das trevas para a luz do dia”.

Tudo se soma ao trágico, presente no barroco, a quem Coutinho diz ser filiado. Artisticamente, se coloca no lugar de espectador para assistir à destruição das próprias ruínas, conclusão a que ele diz chegar:

A experiência da memória me tem esclarecido que ela se apoia em continuadas demolições, no desempenho de uma dramaturgia em que, além dos papéis que se deturpam, os próprios atores falham na ocasião dos gestos, reproduzindo-se dentro de minha lembrança, os painéis de minha insatisfação, do descontrole

cênico, como se estiveram a advertir-se da imensa catástrofe. Assisto à destruição de minhas ruínas (Coutinho, 1987, p.234).

Assinala que na concepção solipsista fala de si para si mesmo, no movimento da consciência existenciadora. É ela quem traz para ele a estabilidade do existir nele mesmo. Ele nomeia como o ato de integração: “é a concomitância existencial, quando os sucessos que se classificaram à parte, em secções da memória, se nivelam no mesmo estilo de fixação que o patenteado com a presença da luz” (Coutinho, 1987, p.265).

A memória como ficção é também um elemento importante para a criação artística e o filósofo não dispensa a reflexão acerca disso: “tem sido tão fértil a elaboração de alegorias, que representa peculiar distração aplicar a memória em retábulos havidos, com o intento de descobrir agora o quanto de representatividade alegorial se continha neles” (Coutinho, 1987, p.272). Externaliza assim:

[...] os acontecimentos do passado, embora extintos, ainda conservam uma prerrogativa: a de poderem reconquistar, em mim, o que foram quando se deram, e sofreram a omissão de meu entendimento. Se bem que não se mostre muito ágil a memória, com respeito ao restabelecimento exato [...] (Coutinho, 1987, p.273).

Por fim, a memória ocupa um lugar primordial na estruturação artística do universo do eu existenciador. É na ação de mapear presenças e ausências, que o eu existenciador coutiniano se mantém atento às cenas cotidianas diversas e as cria ao significá-las, visto que, é a significação dada à cena, vivenciada do miradouro, do belvedere, que ficará na memória. Portanto, o exercício subjetivo, único, exclusivo e representado mentalmente por cada eu existenciador, constrói o acervo da memória. No acervo, estão presentes os elementos para a escolha dos cenários, a elaboração dos roteiros, a escolha dos figurinos e personagens, a configuração dos espaços e tempos em que as cenas se dão em realidade ou em possibilidade.

Demiurgicamente, o eu existenciador, cria conhecimento a partir de sua significação. Por sua vez, este conformado em ideias na mente, encontra habitação

no eu mesmo, que se coloca à disposição das práticas rememorativas. Todo ato criador contém o repertório existencial. O repertório, o estojo abrigam todo acontecer empírico que carrega consigo os ensaios do perecimento. Quando a artisticidade empírica passa para a artisticidade ideal, ou seja, vai para o campo da imaginação e da memória, ocorre a fértil elaboração de alegorias. Alegorias que chegam a incluir, até mesmo, a ante-sala do velório. Esse cenário criador mantém a coerência do pensamento do filósofo, salvaguardando a significação de que as falhas e fissuras da memória permitem que ela mesma se lembre de que há um processo de finitude em curso, inclusive a sua.

O acervo da possibilidade na imaginária interior também guarda efígies na memória, no ato criador imagético interno. E ela, a memória, como guardiã do fluxo das coisas existenciadas pelo eu, é quem salva, as coisas existenciadas, do inteiro perdimento no curso da vida. Embora, esteja acesa a certeza de sua finitude derradeira.

A memória mesmo preservando melhor a cena, é sonhedora do que se quer lembrar depois. Portanto, o eu existenciador não terá domínio absoluto sobre ela, pois ela mesma tem o poder de editar as imagens e junto com a imaginação, entra em ação na composição e reposição dos nexos. Pois, os limites do belvedere não alcançam toda a cenografia e essa lacuna passa a ser suprida pela imaginação e pela memória que aparece como supridora de lacunas do eu existenciador. As lacunas, falhas, fissuras, esquecimentos são sinais do não-ser que se manifesta e assiste à destruição das próprias ruínas do universo em que a própria memória se apoia.

Imagem 11: *A memória intestemunhável*, 2024. Técnica: fotografia.



Fonte: produção e acervo da autora (2024).

4. Considerações em aberto

Ao longo da investigação filosófica partimos em busca de entender qual o lugar que a memória ocupa na ontologia de Evaldo Coutinho, extraindo concepções do conceito em seus ensaios ontológicos e buscando compreender como a memória estrutura a experiência artística, cênica, representativa do universo criado pelo eu existenciador. Além disso, produzimos obras artísticas a partir de ideias abordadas pelo filósofo que estabelecem conexão com a memória.

Como conclusões parciais desse trabalho, podemos afirmar que a memória é constituinte central de sua ontologia e se expande para além do presente incluindo em si mesma o passado e, como possibilidade, o futuro.

A memória, preenchida com os atos de existenciamento, que compõe o acervo do próprio eu, possui um poder e autonomia que lhes são próprios e no processo de maturação humana, no curso da vida, se dá o acúmulo, e salvaguarda ou reunião do existenciado e da imaginação. Contendo em si mesma a imaginária interna e externa, é esta quem alimenta aquela. Assim, a ficção, a criação e a produção do eu existenciador são características suas, pois é nele e com ele que ela existe. É também nele e com ele que se dará o apagamento da luminária no fêretro. As falhas, esquecimentos e confusões da memória se apresentam na identificação do vivido e isto se mantém em unidade ao perdimento de todas as coisas para Coutinho.

Ocupando o lugar constituinte da existencialidade, a memória possui uma vinculação direta com a subjetividade, visto que, é ela o acervo do eu; é recordação e lembrança; é passado, presente e futuro; é imaginária interna e externa; é ficção, criação e produção do eu existenciador e tem poder e autonomia próprios.

No que tange à estruturação artística, cênica do universo criado pelo eu existenciador há, pelo menos, três capacidades constituintes da memória: a de preservar e salvaguardar; a de editar e a de suprir lacunas. O suprimento de lacunas se refere às falhas, fissuras, esquecimentos, aos limites do belvedere por não alcançar toda a cenografia e é a memória que preencherá a cena por meio da

imaginação, pois, mesmo não estando presente na cena ou confundindo-se com ela, a imaginação será encarregada de criar os atores, os textos etc. No entanto, sinaliza que o não-ser se manifesta, pouco a pouco, quando o belvedere susta suas renovações. Outra cena artística é configurada colocando o eu existenciador para assistir as demolições de si mesmo e da própria memória.

O existenciamento como criação do conhecimento envolve a ocasionalidade do cotidiano que parece servir de matéria-prima para a criação artística de cenários, de atores e figurantes, de plateias, de roteiros etc. Mas, tudo isso pressupõe a significação dada à cena que envolve a pressa, a concentração, a paragem como nutrientes para associação de ideias na memória. Então, o eu existenciador estrutura as alegorias elaboradas pelo eu mesmo, o que reforça a inseparabilidade do papel da memória na subjetividade.

Não existe, no entanto, a possibilidade de ruptura da interdição posta a todo eu existenciador de acessar à interiorização, a criação no pensamento, à memória do outro. Essa unicidade e singularidade da subjetividade, vivenciada pelo eu de seus miradouros, se apresenta como a marca, o selo, o carimbo que parece explicitar a necessidade do exercício subjetivo, único, exclusivo de cada ato criador.

O acervo da possibilidade na imaginária interior, usa as efígies na memória para a criação imagética interiormente, pois como guardião do fluxo das coisas existenciadas pelo eu, as salva do inteiro perdimento ao longo da vida. Mesmo preservando a cena, a memória também é sonegadora daquilo que se quer lembrar depois, mas, ela tem o poder de editar os retábulos em seu roteiro, sua composição, seus personagens, seus cenários.

Evaldo Coutinho toma para si a posição de sentinela, a espreitar o mundo à sua volta e mantendo a coerência de seu pensamento, salvaguarda acesa a significação de que a prática da memória e da imaginação é a ante-sala do velório, fazendo com que a própria memória lembre-se de que há um processo de finitude derradeira em curso, incluindo a sua.

Coutinho diz que a vida e a morte se dão no compasso da repetição. Ora, se a vida se ausenta, a memória tem o mesmo alvo. Mas, a morte derradeira do eu

existenciador, é inexistenciável pelo próprio eu, a não ser na imaginária interna, no âmbito da possibilidade em que a memória desempenhará novamente o papel crucial da criação artística, da cena da pós-véspera.

Em nosso entendimento, o filósofo patenteia seu percurso de vida, seu repertório, a partir dos tantos miradouros em seus diferentes ângulos, em que se coloca ora como espectador, como autor ou produtor e ator. Patentear o percurso de vida, inclui sistematicamente, significar sua criação artística, mas, da mesma forma, compreender que sua finitude é inexorável, pois coloca:

Sou existenciador da vida e da morte, com participação no seio das duas entidades: a primeira, através da experiência pessoal, em atividade e testemunho empíricos, a segunda, através de pura nominalidade, em ideal expectativa, desde que em mim a morte não se permite desvendar por ser a inexistencialidade absoluta (Coutinho, 1987, 35).

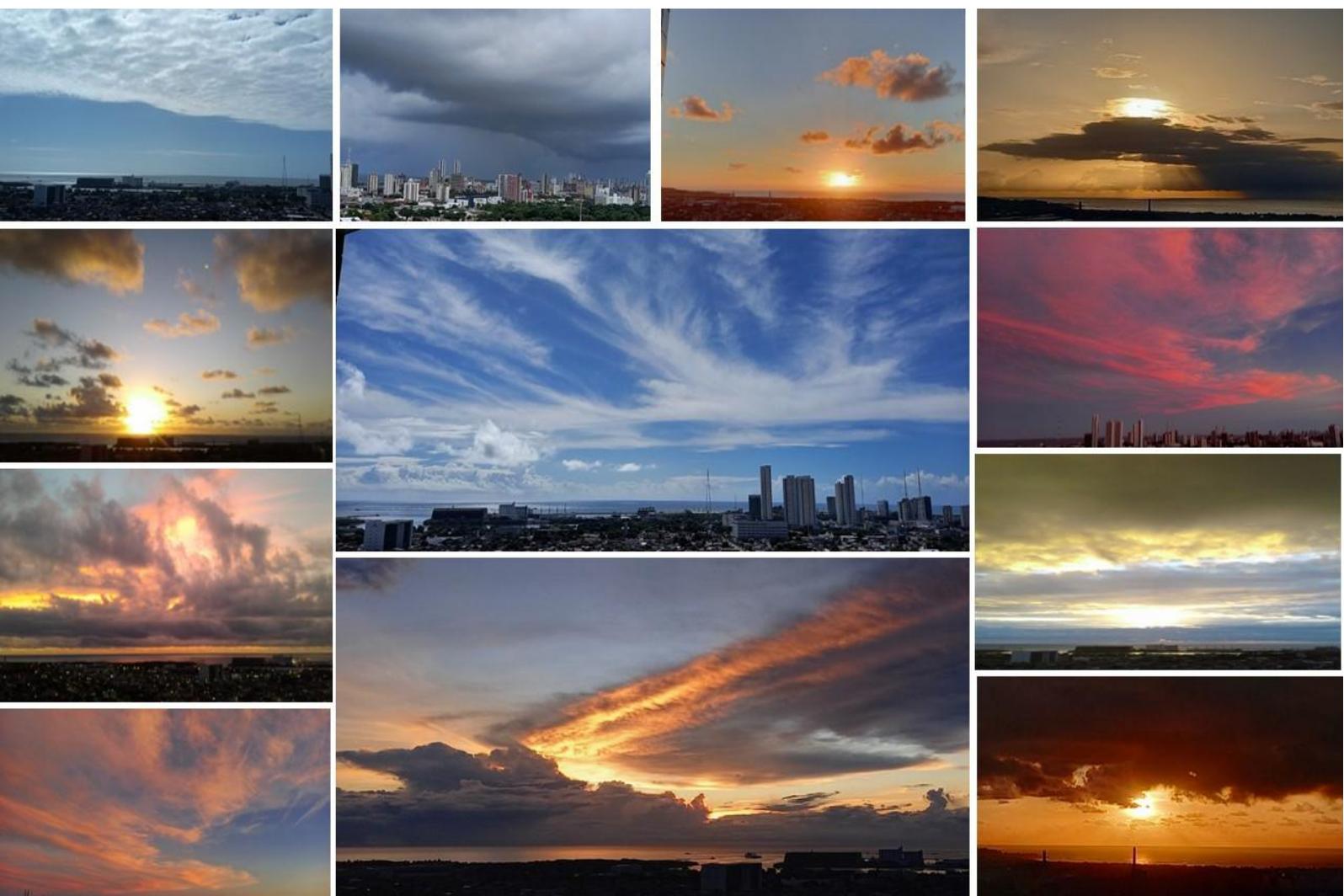
Desta feita, se o eu existenciador é único e constrói seu repertório, também único, a memória ocupa o lugar singular e único para cada eu existenciador, ou seja, para cada subjetividade. Sem ela, não há subjetividade. Sem ela, não há conhecimento de si.

Por fim, se a memória é constituinte do eu existenciador, ontologicamente, sua ausência parece tornar impossível a humanidade no humano. A morte é a ausência de memória. O não-ser é a não-memória. Se o ser tem a idade de quem existe, então, a memória tem a idade de quem existe. Se a existência é finita, a memória também o é, assim como toda a estruturação artística, cênica e representativa do universo.

Diante do exposto, outros questionamentos surgem como possibilidades para ampliar o entendimento sobre o pensamento coutiniano. Por exemplo, como se apresenta a relação da percepção, memória e fantasia em sua obra? Como a memória se entrelaça com o espaço e o tempo no eu existenciador? Como os sentidos e as percepções se relacionam no sistema filosófico coutiniano?

São outros cenários a serem produzidos.

Imagem 12: *A vida existenciada com os céus de minha casa, 2024*. Técnica: fotografia



Fonte: produção e acervo da autora (2024).

5. REFERÊNCIAS

AGOSTINHO, Santo. **Confissões**. Petrópolis: Vozes, 2014.

AQUINO, Thiago André Moura de. **Cosmogonia e Subjetividade em Evaldo Coutinho**. XX Encontro Nacional de Filosofia da ANPOF. Caderno de resumos do XX Encontro ANPOF – Vol. 1 - grupos de trabalho / - 1. ed. e-book – Toledo, Pr.: Instituto Quero Saber, 2024. Disponível em: <https://www.institutoquerosaber.org/editora>
DOI: <https://doi.org/10.58942/eqs.116> Acesso em 27.01.2025.

BARBOSA, Evandro; COSTA, Thaís Cristina Alves. **Metodologia e Prática de Pesquisa em Filosofia**. Pelotas: NEPFIL, 2015. Disponível em: <https://wp.ufpel.edu.br/nepfil/files/2019/02/3-metodologia-e-pratica-de-pesquisa-em-filosofia.pdf> Acesso em 28.08.2024.

BERGSON, Henri. **Matéria e Memória: ensaio sobre a relação do corpo com o espírito**. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

BOCAYUVA, Izabela. **Platão, escrita e memória**. In: BOCAYUVA, Izabela (org.). A memória na Antiguidade. Rio de Janeiro: Via Vérita, 2015, p.65-72.

CHAUÍ, Marilena. **Janela da alma, espelho do mundo**. In: NOVAES, Aduino. O olhar. São Paulo: Companhia das Letras, 1988, p.31-64.

COSTA, Alexandre. **Entre deuses e homens: a ambiguidade da memória**. In: BOCAYUVA, Izabela (org.). A memória na Antiguidade. Rio de Janeiro: Via Vérita, 2015, p.10-25.

COSTA, Victor Mateus de Carvalho. **Evaldo Coutinho e Glauber Rocha, artistas revolucionários**. Monografia (Graduação em Filosofia). Recife: UFPE, 2021.

COUTINHO, Evaldo. **O lugar de todos os lugares**. São Paulo: Perspectiva, 1976.

COUTINHO, Evaldo. **A artisticidade do ser**. São Paulo: Perspectiva, 1987.

COUTO, Mia. **O Mapeador de Ausências**. São Paulo: Companhia das Letras, 2021.

EVARISTO, Conceição. **Becos da Memória**. Rio de Janeiro: Pallas, 2017.

GONTIJO, Sandro Rodrigues; MASSIMI, Marina. **O conceito de memória nos Sermões do Pe. Antônio Vieira**. Arquivos Brasileiros de Psicologia, vol.64, n.3, 2012, p.163-182. UFRJ, Rio de Janeiro, Brasil.

GONTIJO, Sandro Rodrigues. **Imaginação e memória nos sermões de Antônio Vieira**. Dissertação. (Mestrado em Filosofia, Ciências e Letras). Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto/USP, 2011.

IZQUIERDO, Ivan. **Memória**. Porto Alegre: Artmed, 2018.

LINHARES, Genésio. Documentário: **Filósofo da arte e da existência**, 1993. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=rG8-qJ5rOEE> Acesso em 04.09.2024.

MASSIMI, Marina. **A memória ventre da alma**. Revista Latinoamericana Psicopatologia Fundamental, São Paulo, v.13, n.4, p.667-679, dez. 2010.

MATOS, Bianca Virgínia Gomes. **A ordem fisionômica: uma constituição estética dos afetos**. Monografia (Graduação em Filosofia). Recife: UFPE, 2022.

MEDEIROS, Wilton. **As duas cidades**. Sociedade e Cultura, Goiânia, v. 5, n. 2, 2007. DOI:10.5216/sec.v5i2.573. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/fcs/article/view/573> Acesso em 10.06.2024.

MENEZES, José Rafael de. **Aproximações da obra estética de Evaldo Coutinho**. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 1987.

PROUST, Marcel. **Em busca do tempo perdido: no caminho de Swann**. Rio de Janeiro: Zahar, 2004.

ROCHA, Gabriel Kafure da; SOUZA, José Paulo Maldonado de. **Arqui-textura dos espaços: um diálogo entre Bachelard e Coutinho**. Geograficidade, v.11, n.Especial, outono 2021. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/geograficidade/issue/view/1557> Acesso em 10.06.2024.

SANTOS, Gilfranco Lucena dos. **A temporaneidade do espaço da arte arquitetônica na filosofia fenomenológica existencial de Evaldo Coutinho**. Revista Perspectiva Filosófica, v.41, n.2, p.116-127, 2014. Disponível em: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/index.php/perspectivafilosofica/article/view/230251> Acesso em 10.06.2024.

SILVA, Alécio de Andrade. **A justificação artística da existência em Evaldo Coutinho**. Monografia (Graduação em Filosofia). Recife: UFPE, 2019.

SILVA, Alécio de Andrade. **Theatrum Mundi: uma ontologia do cotidiano**. Dissertação (Mestrado em Filosofia). Recife: UFPE, 2024.

SILVA, Markus Figueira da. **Memória, reminiscência e prazer**. In: BOCAYUVA, Izabela (org.). *A memória na Antiguidade*. Rio de Janeiro: Via Vérita, 2015, p.101-110.

SILVA, Nilson Adriano da. **A infringência do não-ser na óptica de Evaldo Coutinho**. Revista Filogênese, Marília, v. 19, n. 1, p.118-136, jul. 2024. Disponível em: <https://www.marilia.unesp.br/#!/revistas-eletronicas/filogenese/edicoes-anteriores/volume-19-n-1-2024/> Acesso em 02.09.2024.

SOUZA, José Paulo Maldonado de. **O solipsismo de Evaldo Coutinho**. Dissertação. Mestrado em Filosofia. Recife: UFPE, 2014.

SOUZA, José Paulo Maldonado de. **Henri Bergson e Evaldo Coutinho: em torno da ideia de “intuição filosófica”**. Anais do IV Colóquio Filosofia e Literatura: Poética São Cristóvão/SE | julho.2017 | ISBN 978-85-7822-593-3. Disponível em: https://gefelit.net/anais/Anais_IV_p295_Jose_Paulo_Maldonado_de_Souza.pdf Acesso em 10.06.2024.

SOUZA, José Paulo Maldonado de. **Evaldo Coutinho: arquitetura e filosofia**. In: ROCHA, Gabriel Kafure da (org.). *Sertão Filosófico: o ser-tao vai vir-à-mar*. Olinda: Livro Rápido, 2018. Disponível em: <https://releia.ifsertao-pe.edu.br/jspui/bitstream/123456789/471/1/EBOOK%20-%20Sertao%20filos%C3%B3fico%20-%20o%20Ser-Tao%20vai%20vir-%C3%A0-amar.pdf> Acesso em 10.06.2024.